



FONTE DO BOMFIM EM SETUBAL.

A FAMOSA e antiga villa de Setubal, talvez a praça mais commerciante, depois das duas grandes cidades do nosso reino, está situada n'uma pequena planicie banhada ao sul pelas aguas do Sado, que formam uma caldeira ou lago, separado do Oceano por um pontal de collinas areentas, entre o qual e o picturesque promontorio da Arrabida fica uma foz estreita para a comunicação das aguas: limitam-na ao poente as alturas do castello de S. Philippe; ao norte as serras de S. Luiz e Palmella, com seus amenos valles matizados de quintas e casas de campo; ao nascente um terreno onduloso e esteril, que se dilata obra de legua e meia pelas margens do rio, e vai fenecer na planicie agreste e chaã onde estão as salinas, ramo essencial da riqueza de Setubal. Por este lado devia cortar-se o projectado canal de comunicação do Tejo com o Sado, que, estabelecendo a navegação interior entre a villa e a capital, produziria infinitas vantagens. O Sr. barão d'Eschwege, na sua *Memoria Geognostica* [Mem. d'Acad. Tom. 12.^o] suppõe que esta comunicação existiu em eras remotas quando o Tejo ainda desembocava na lagôa d'Albufeira « sendo o principal indicio desta supposição o terreno d'alluvião, pouco elevado sobre o nivel das aguas dos dois mencionados rios, que se estende entre ambos, de maneira que todas as alturas desde Palmella até o Cabo d'Espichel formaram uma ilha. » Ha pouco tempo que suppre a falta do canal a navegação por vapor estabelecida no Tejo por uma companhia, cuja prosperidade e progresso ardentemente desejamos: a carreira diaria para Valle de Zebro, na ria de Coina, donde a Setubal é curta a distancia por terra, presta actualmente este serviço. Dentro do Sado ha tambem um barco a vapor empregado em carreira diaria entre Setubal e Alcacer, mui vantajosa, por ser a ultima villa o porto por onde muitas terras do interior despacham os cereaes que cultivam. Seria talvez muito conveniente que de Lisboa para Setubal, e tambem para alguns portos do Algarve, se estabelecessem viagens, o mais regulares que possivel fosse, feitas

Tom. IV. MARÇO 14 — 1840.

por barcos movidos por vapor. Aguardamos que o tempo, e o augmento do nosso commercio interno, promovam este e outros muitos melhoramentos.

Levados pelo som do nome «Setubal» quizeram alguns que a villa fosse fundada por Tubal, neto de Noé, e viesse depois a chamar-se *sedes Tubal*, assento ou residencia de Tubal: porem como no tempo dos romanos já era muito conhecida a cidade de *Cetobriga*, que estava defronte e ao sul da villa actual, na lingueta de terra, onde hoje chamam *Troia*, é muito natural que de Cetobriga se formasse por corrupção, que os tempos motivaram, a palavra Setubal. Affirmar que o sitio denominado *Troia* foi o assento da cidade de Priamo, arrazada pelos gregos, é seguir uma tradição vulgar, indigna de conceito. Neste logar se tem descubierto por vezes medalhas e outras antiguidades, que indicam a existencia d'uma colonia phenicia, primeira fundadora, e depois convertida em colonia dos romanos, quando estes dominaram as Hespanhas: em 1814 achou-se um caixão que encerrava um cadaver, que se desfez em pó tanto que lhe deu o ar, e uma lampada, uma taça, e um castiçal; sendo de prata estes moveis, e com figuras em relevo muito bem conservadas.

Ainda no tempo dos godos Cetobriga se manteve florescente, e com muita reputação; porem com a entrada dos mouros na Peninsula ficou assolada. Tendo decorrido muitos annos depois deste notavel acontecimento, alguns pescadores da costa estabeleceram suas pobres moradas no sitio onde é hoje Setubal, nome que lhe veio da cidade fronteira. É a mais geral opinião que o nosso primeiro monarcha mandára povoar a villa com gente enviada de Palmella. Setubal tem por armas uma barca vogando cercada de peixes, com um castello por cima, e duas cruces da Ordem de Santiago, por pertencer antigamente a esta ordem militar.

A primeira fortificação da villa foi uma cerca de muros coroados d'ameias, com suas torres quadradas, com as cinco portas, chamadas *Nova*, *d'Evo-*

ra, dos Padres da Companhia, de S. Sebastião, do Sol, e alem dellas nove postigos. Vindo porem a crescer a povoação se formaram os dois novos bairros, de *Palhaes*, da parte de leste, e de *Troino*, da banda de oeste, que ficaram extra-muros. Elrei D. João 4.^o a fortificou de novo, incluindo os dois bairros no moderno recinto, que mandou construir com onze baluartes e dois meios baluartes, destinando o baluarte do caes tambem para quartéis de tropa, e armazens de munhões; alem desta defeza reforçou a praça com algumas obras exteriores incompletas, que ainda se utilisaram na ultima guerra. Senhorêa a villa o castello de S. Filippe, levantado por ordem de Filippe 3.^o de Castella, pelo architecto estrangeiro Filippe Terzo, que parece ter profiado em faltar nesta sua obra a todas as regras da arte de fortificar: ha nelle uma excellente cisterna. Defendem a barra o forte de Albarquel, e a Torre de Outão, situada na falda da serra da Arrabida, sobre o mar, a distancia de mais de quarto de legua distante da villa; protege o porto da ousadia de alguma embarcação inimiga. Proximo á torre, em situação mais elevada, está o pharol.

Setubal é abundante de todos os generos necessarios á vida; os seus contornos são apraziveis e fertéis. Serve de canal de sahida aos trigos e mais productos que se embarcam nos outros portos do Sado; e exporta do seu territorio excellente fructa d'espinho, e vinhos, entre os quaes é afamado o delicioso moscatel. Porem um de seus grandes objectos de negocio é o sal, que em navios nacionaes e estrangeiros se carrega em grande quantidade para muitos paizes. Com os direitos sobre o sal exportado de Setubal pagou Portugal aos hollandezes alguns milhões de divida a que se obrigou em virtude dos tractados de 1661 e 1669, como póde ler-se na obra do P.^e Lima, tom. 2.^o pag. 222. No fim do seculo passado as salinas do Sado eram 379, occupavam nos mezes do trabalho 1:760 obreiros, e produziam regularmente 226:000 moios de sal por anno.

Do trafico commercial de Setubal se depreheende a importancia da sua alfandega, que é das segundas do reino, e o quanto esta villa é populosa, e mais digna por certo do titulo de cidade, do que muitas terras insignificantes que os estrangeiros em suas geographias condecoram com essa pomposa denominação. O numero dos seus habitantes avalia-se em 15:000, repartidos por quatro populosas parochias, alem da pequena freguezia rural, de N. S.^a d'Ajudá, com 37 fogos.

A villa tem bellas casas, muitas dellas apalaçadas, e boas praças, como a do Sapal, onde eram os paços do duque d'Aveiro, pegados á igreja de S. Julião, a da Fonte Nova, a da Annunciada, todas com suas fontes copiosas. A nossa estampa mostra a fonte no meio do Campo do Bomfim, que faz realçar este ameno passeio, alcatifado de viçosa relva, porque a frescura das aguas tem certo attractivo, e inspira um prazer tal, que onde ellas faltam, toda a paizagem é insípida. Rasão de sobejo teve Lammartine para dizer: *a agua anima tudo, até os desertos.*

Entre os edificios publicos de Setubal distingue-se a Casa da Misericordia, e pelo gosto da architectura antiga o convento das freiras, da invocação de Jesus; o portal e as columnas que adornam a igreja deste convento são de formosa pedra, que tem por base o *grés vermelho*, extrahida das pedreiras nas visinhanças da villa. Não devemos ommittir o Hospicio de Brancanes, em rasão da sua situação picturesque. O caes é excellente e amplo, de fórma que permite que os hiates facilmente se descarreguem atracando de costado.

No declive da collina arenosa, proximo á villa da parte do nascente, avulta um rochedo notavel, denominado *a pedra furada*: terá na maior altura 80 palmos sobre o nivel do rio, que lhe passa pela base, e de diametro para todos os lados 40 até 50 palmos; todo o lado encostado á collina está ainda enterrado nas arêas. A configuração brutescas deste rochedo, de um mineral ferruginoso como o assaz conhecido de Leiningen na Alemanha, o seu aspecto mais escuro, e superficie carcomida e escabrosa, crivada d'uma immensidade de cavidades e buracos, contrastam extraordinariamente com as arêas soltas que o rodeam, e que lhe deram origem. É objecto curioso, e digno da attenção dos geologos.

Parte dos arredores da villa, principalmente alem do Sado, no sitio da Comporta, é tambem muito interessante pelos grandes depositos de turfa. Sobre a natureza e importancia deste combustivel póde o leitor consultar os dois artigos insertos a pag. 267 do 1.^o vol., e pag. 50 do 2.^o deste jornal.

A THEORIA DA POVOAÇÃO SEGUNDO MALTHUS.

MALTHUS é mui celebre pela originalidade da sua theoria; e como bastantes dos nossos leitores terão ouvido fallar della, julgámos que seria acertado dar uma noticia do "*Ensaio sobre a Povoação*" deste escriptor, por serem estas materias hoje não só objecto de questões de sabios, como tambem assumpto de vulgares conversações.

Começa o auctor estabelecendo que toda a vida animal tende constantemente a multiplicar-se, de fórma que, se a propagação vingasse toda, esgotaria os alimentos que a natureza lhe poderia ministrar. A maxima parte dos arbustos e plantas produzem tantas sementes que, se todas achassem campo para crescer, dentro em poucos annos occupariam muitos mundos maiores que o nosso. Muitos animaes, especialmente os peixes, augmentariam com tal rapidez que em breve entulhariam os mares do globo. A geração humana tem a mesma tendencia de multiplicar mais rapidamente do que o alimento de que subsiste. N'um paiz como a America, onde os terrenos susceptiveis de cultura não teem limites, respectivamente á povoação, o numero d'habitantes poderá dobrar-se em cada 25 annos por muitas gerações. Mas não póde ser assim em muitos paizes da Europa e da Asia: na Belgica, por exemplo, onde ha mais de 4:000 habitantes por legua quadrada, não poderia duplicar-se este numero sem o risco de completa destruição. Malthus suppõe que n'um paiz como a Inglaterra, propriamente dita, poderia duplicar-se o alimento em 21 annos, e até armazenar alguma porção no fim de cada anno para os futuros: porem isto mesmo não bastaria senão por curto periodo, porque o augmento de pessoas seria na progressão 1, 2, 4, 8, 16, 32, &c., ao passo que o augmento do alimento seria 1, 2, 3, 4, 5, 6, &c., de modo que em pouco mais de cem annos não haveria alimento para uma decima parte da população por mais engenhosos e activos que os individuos fossem em procurar meios de se manterem. De tudo isto conclue o A. que posto que o genero humano tenha o poder de se multiplicar, este é sempre em referencia aos meios de subsistir.

Malthus considera depois as varias restricções que paralisam este principio em a povoação humana. Quando o numero dos nascidos é maior do que aquelle que o paiz póde sustentar com facilidade, morrem muitos, em varias idades, porque o alimento que lhes cabe é pouco ou mau, ou conti-

nuam a viver n'um estado miseravel, que lhes faz aborrecer a existencia. Quando a sociedade sente algum destes dois males, os casamentos diminuem, e com elles o numero dos nascidos. Se esta diminuição de casamentos é acompanhada da pureza de costumes recommendada pelas leis divinas e humanas, a cuja pratica induz a razão, póde em tal caso chamar-se uma restricção moral. Mas se a diminuição de matrimonios é por outra parte productiva de vicios infames, supprirá tambem a população, mas de modo ignominioso para a nossa especie. Ha portanto tres restricções ácerca do desordenado augmento da população: a da miseria, a moral, e a viciosa: estas mantem, nos paizes mais cultivados, o numero dos habitantes igual e até menor ao producto da terra. A maior parte da obra de Malthus parece destinada a provar estes tres principios fundamentaes. Não podendo porem reduzir a breve artigo as investigações eruditas do A., comprehendidas em dois volumes, referiremos só algumas mais notaveis.

A vida penosa e precaria das nações selvagens, que só da caça se sustentam, as priva de se multiplicarem, não lhes sendo possivel manter crescido numero de filhos, e por isso vemos o como estão diminutas as tribus dos indios do norte d'America. O augmento da população das tribus theutonicas produziu por varios seculos aquelles enxames de vandalos e godos, de diversas denominações, que desceram de septentrião até as columnas d'Hercules, e ainda que pareciam os primeiros innumeraveis, outros milhões delles os substituíam, até que se apossaram da Germania, das Gallias, da Italia e da Iberia. Em varias nações modernas, particularmente nas cidades grandes, onde ha pouca restricção moral, reina espantosa mortandade nos mancebos, o que impede o augmento da população. Só estes tres factos, appresentados como outras tantas razões, despidas dos calculos com que o A. as fortifica, serão sufficientes para dar idéa da doutrina de Malthus. O fim principal do seu livro é summamente moral e humano. Considerando Malthus os inevitaveis resultados de uma população excessiva, recommenda encarecidamente que nenhum homem se case sem ter certeza ou fundamentada probabilidade de poder sustentar seus filhos, segundo o seu modo de viver, isto é, segundo a situação que occupa na sociedade. O mais humilde prospecto do futuro, que póde justificar um homem para tomar companheira, é a capacidade de ganhar jornaes que, em proporção do valor regular do alimento ordinario, sejam sufficientes para sustentar sua mulher, e depois, com a industria de ambos, a tres ou quatro filhos. O auctor reconhece a felicidade e a virtude da vida na união domestica, mas não approva que dois individuos, com pleno uso da razão, queiram gosar desta ventura a risco de fazerem infelizes tres ou quatro innocentes, cujo bem lhes deve tocar no coração. «É grandissimo erro [diz elle] inferir das minhas reflexões que sou inimigo da população. Sou tão sómente inimigo do vicio e da miseria, e por consequente da calamitosa desproporção entre a população e o alimento.»

Malthus passa a mostrar que o maior numero de casamentos e nascimentos nos paizes bem povoados, e particularmente nas cidades de grandissimo numero d'habitantes, não são prova d'augmento da povoação, mas sim da grande quantidade de creanças, que pela maior parte não chegam á epocha da puberdade. Depois de citar factos e deduzir raciocinios conclue um de seus capitulos dizendo: «Não é o maior numero de casamentos que devemos procurar, o objecto mais principal será diminuir a mortalidade.» Para conseguir este objecto de felicidade indi-

vidual e nacional não ha meio mais proprio e natural do que o saber cada um subjugar as suas paixões, porque é o maior distinctivo que separa da criação bruta os homens, a quem Deus dotou de razão.

As opiniões de Malthus foram vivamente combatidas, com mais ou menos justiça. Estamos longe de approvar as generalidades da sua theoria, e a maneira absoluta com que assenta as suas theses; todavia muitos factos bem averiguados e raciocinios concludentes, dispersos pela sua obra, a farão sempre estimavel e lida, sobretudo se attendermos ao fim moral que dirigiu a penna do A., em abono do qual citaremos a seguinte passagem, onde, para assim dizer, está recopilada a sua doutrina. «Penso e espero que os meus leitores convirão comigo em que, se applicarmos o espirito das declarações de S. Paulo, respectivamente ao matrimonio, ao estado social presente, e á bem conhecida constituição humana, tiraremos a consequencia natural de que, quando o casamento não entorpece os deveres mais principaes, é mui justo; mas se d'algum modo se oppõe áquelles é injusto (*). Segundo os principios genuinos d'uma saã moral, o modo de seguir a vontade divina [pelo dictame da razão natural] é examinar a tendencia da acção; se esta se inclinar a promover a felicidade de todos, se porá em pratica, mas se a contrariar ou diminuir, deverá suspender-se. Ora pois, poucas acções haverá que se encaminhem a diminuir a felicidade social, como o casar sem ter meios de manter os filhos, consequencia, que deve reputar-se como certa, da união conjugal: portanto, todo o homem, que em taes circumstancias contrahe matrimonio, é promotor voluntario d'infelicidade, e por consequente offende a vontade de Deus. Que esse homem offende tambem a sociedade, ninguem o poderá duvidar; porque se não póde alimentar os filhos, impõe esse encargo a seus vizinhos, visto que nem a caridade nem a justiça consentem que os innocentes sejam victimas da fome; porem quando estes chegarem á puberdade entrarão em situação ainda mais infeliz, ainda mais prejudicial á moral publica; porque não ha estado, em que seja tão difficil conservar a virtude, como o de absoluta indigencia. Finalmente, o homem que se casa sem probabilidade de sustentar mulher e prole, viola o seu dever para com Deus, causando a infelicidade das creaturas, quebranta o seu dever para com sua familia, expondo-a ás tentações do mundo, e infringe o seu dever para com a sociedade, impondo ao publico um onus injusto; alem do que offende a razão, seguindo os estimulos da paixão a despeito das mais essenciaes obrigações.»

MENDICIDADE EM LONDRES.

HA annos a camara dos communs, desejando dar providencias sobre mendigos, nomeou uma commissão que fizesse a este respeito miudas indagações e expozesse o resultado á camara: assim o praticaram; eis os factos appresentados ao parlamento. — Que tendo alguns magistrados de Londres procedido á apprehensão de alguns mendigos, e mandando-os revistar na sua presença se lhes acharam sommas de dinheiro muito consideraveis, cosidas nas bolças, ou occultas nas dobras dos vestidos: que muitos se disfarçavam, e mudavam de trage duas ou tres vezes no dia: que, termo médio, cada mendigo ganha

(*) O A. podia aclarar a sua proposição com este exemplo. — Se um homem abandonar á miseria sua mãe e irmãos menores, para hir casar e tomar peso d'outra familia, póde dizer-se que commette uma especie de delicto moral.

3 a 5 schelins; que desta somma gasta dois e meio em alojamento á noite e na comida: que ha outros mendigos que fazem maiores lucros; por exemplo, um mendigo cego, guiado pelo seu cão, ganha 7 ou 8 schelins; um mendigo com saude póde correr por dia quarenta ruas: suppondo que em cada rua só colhe dois pences, ahí temos por dia 1600 r.³: que as crianças eram de grande utilidade para os mendigos, e os ajudavam muito, por isso as alugavam quando as não tinham suas: o aluguer d'uma criança era de seis até oito vintens por dia; mas quando a criança tinha molestia visivel então era mais cara, e sendo asquerosa e horrivel á vista então custava por dia 800 réis: que entre os mendigos mesmo existia espirito de economia, e desejo de acumular riquezas, servindo para exemplo um negro, que depois de mendigar por muito tempo em Londres, se

retirou para as Antilhas com um capital de 15:000 cruzados. O facto mais curioso do inquerito é o ter-se verificado por este meio a existencia de clubs de mendigos.

No bairro de S. Gilles existem dois unicamente frequentados por elles: á noite, depois dos trabalhos do dia, reúnem-se os socios, comem, bebem, lêem os jornaes, fallam de politica, e discutem sobre os seus interesses. Ninguem é admittido no club sem ser mendigo de profissão: algumas pessoas que teem querido assistir a estas reuniões para ver o que se passava n'ellas não o poderam fazer senão appresentadas por outros mendigos socios. Emquanto ao numero total dos mendigos em Londres não póde verificar-se ao certo: calcula-se de 14 a 15:000, um terço dos quaes são irlandezes.



CASCATA DO BERNINI E GRUTA DE NEPTUNO EM TIVOLI.

TIVOLI, a antiga Tibur, está situada a quatro para cinco leguas distante de Roma. Resistiu por espaço de quatro seculos aos romanos, que por fim a subjugarão, e estabeleceram nos seus amenos contornos moradas deliciosas onde vinham os opulentos passar o melhor tempo do anno. Os poetas do tempo d'Augusto cantaram as formosuras de Tivoli; e aqui residiram Horacio, Tibullo, e o grande protector das letras, Mecenas. O celebre Catão o Censor nasceu em Tivoli. Esta cidade, outrora mui rica, conta hoje uns sete mil habitantes, pela maior parte pobres. Ha nella muitas villas, ou casas nobres de recreio; a mais sumptuosa era do cardeal d'Este, que a mandou construir em 1549, mas que por falta de

reparos se tem arruinado: alguns affirmam que o Ariosto (*) composera neste asylo poetico o seu inimitavel *Orlando*; porem tal opinião é falsa, porque a erecção da villa d'Este é posterior á morte do poeta, que foi em 6 de Junho de 1533.

O monumento antigo mais curioso que existe em Tivoli é o templo de Vesta, edificado segundo o gosto da mais distincta epocha da architectura. Plutarcho diz, que Numa Pompilio o mandára levantar, dando-lhe fórma redonda para symbolisar o mundo. Este monumento circular só tem de diametro doze pés e meio; e era circumdado por 18 columnas de

(*) Vide o retrato e biographia deste poeta a pag. 89 do 3.^o vol.

que existem 10, d'ordem corinthia, e d'altura de 18 pés menos o capitel, que é decorado com rama d'oliveira. Está situado á beira do precipicio, onde se despenha o Anio, hoje chamado il Teverone. Para a esquerda deste formoso templo ha outro, que pensam os antiquarios ter sido consagrado á sybilla tiburtina. É pequeno, de fórma rectangular, ornado com quatro columnas jonicas: actualmente está servindo d'igreja consagrada a S. Jorge. D'um terrado na frontaria do templo goza-se bellissima perspectiva. Á direita descobre-se o Anio correndo magestosamente por entre a casaria de Tivoli, e que depois, faltando-lhe subitamente a terra, forma uma catadupa ou cascata, que appresenta um lençol de agua de 50 pés d'alto sobre 120 de largo, e logo se abysma por baixo de rochas, e vem sahir na gruta de Neptuno. O Anio cahia d'antes a prumo na gruta de Neptuno; porem houve em 1326 um esbroamento da terra, que levou 24 casas com os bens dos infelizes proprietarios. O papa Leão 12.^o mandou depois fazer a actual cachoeira que tem muita mais segurança. Á esquerda desta immensa cascata, do mesmo lado, se precipita outro braço do rio Anio por uma aberta feita pelo Bernini. É esta queda da altura de 250 pés, e posto que menos copiosa que a primeira, é sem contradicção mais formosa. Antes de chegar ás duas cascatas outros braços do Anio se derramam pela cidade; e depois de terem os moradores, para fins diversos, aproveitado as aguas, ajuntando-se estas vão formar as cascatinhas. Por um carreiro serpejante desce-se ao fundo do abysmo: e d'uma inscripção ahí posta se vê que o general francez Miollis mandára abrir esse caminho para favorecer a curiosidade dos artistas e viajantes. Ao descer desfructa-se por vezes, e sempre com variada perspectiva, a bella vista da cataracta ou cascata, denominada do Bernini; mas só embaixo se gosa o espectáculo mais sublime: á esquerda está a cataracta, e á direita uma caverna sombria e ampla, onde as aguas retumbam com espantoso arruido: é a gruta de Neptuno que engole o rio Anio. Se o logar não fosse tão incommodo, e de algum modo perigoso, largas horas de contemplação tomaria aos curiosos: porem, por um lado a agua, que repuxa como pó subtilissimo quebrando-se no rochedo, alaga o espectador; e por outro, o chão de continuo humido e escorregadio, o expõem a dar algum passo em vão, que o faça ir de volta com a torrente; e não tem acontecido poucos destes desastrosos accidentes. As aguas da gruta e as da cascata reunem-se, e vão cahir na caverna das serêas.

Subindo a Tivoli, e tornando a descer por uma estreita escadaria cavada na rocha, vai-se áquella caverna das serêas, que é uma especie de ponte natural, por baixo da qual o Anio se despenha pela terceira vez. De Tivoli sahe-se pela ponte Lupus, construída por mandado de Sixto V.; e depois de grande rodeio se vai dar ao outro lado do valle, pelo fundo do qual o mesmo rio corre. Aqui é maravilhoso e aprasivel o espectáculo que para toda a parte se avista. Da banda esquerda ficam as cataractas do Anio, na frente os templos de Vesta e da Sybilla, e a cidade de Tivoli: lá mais longe, pelo vão d'uma quebrada, divisam-se os campos de Roma, a cidade dos Cesares, e o zimbório de S. Pedro; e para a direita, finalmente, tudo são collinas bellissimas cubertas d'azinhos e oliveiras. Em tão delicioso sitio querem alguns que estivesse a habitação do engenhoso poeta Catullo.

Pouco mais adiante acha-se o viajante defronte da maior cascatinha, que sahe da cidade por um canal, e dá uma queda de cousa de cem pés d'altu-

ra, acompanhando-a outros repuchos de menos consideração. A cascatinha, depois de dois saltos, mistura as aguas com o Anio, ou Teverone. Dahi a poucos passos está a igreja de St.^o Antonio, levantada sobre restos d'antigas obras, que eram as ruínas da villa d'Horacio. Quasi fronteiro fica um templo dedicado á Virgem, construído sobre a morada de Quintilio Varo, de que existem ainda importantes pedaços. Logo appresentam-se á vista as outras cascatinhas, que formam variados e graciosos repuchos; o mais alto jorra da villa de Mecenas, que soberbamente campea sobre a cascata. Taes eram as ricas e aprasiveis casas de campo dos romanos no tempo do imperio! No fundo do valle atravessa-se um limpido ribeiro pela antiga ponte de Celio, muito bem conservada, e d'um só arco; as pedras que formam a volta ou abobada deste servem ao mesmo tempo de calçada; sendo tão singular a construcção que ha della raros exemplos. Sobese depois para Tivoli pela antiga *via tiburtina*, que neste sitio está em muito bom estado, e que passava pela ponte de Celio.

A todos os edificios mencionados neste passeio é superior em magnificencia a villa de Mecenas, como por suas ruínas póde avalliar-se. A *via tiburtina* a atravessava, sendo o transito por baixo de uma abobada, cuja conservação é por certo admiravel. Mecenas e os seus validos estão presentemente substituidos por ferreiros; e ao tumulto dos festejos e banquetes succederam o sussurro das aguas e o estrondo dos martellos.

CHRONICA DO DESCUBRIMENTO DO BRASIL.

IX.

O AMOR SYMPATHICO.

(Dia 29 de Abril de 1500.)

Todo o dia de quarta feira esteve novamente o porto coalhado de bateis, que de um navio não artilhado e pequeno, mas alteroso se dirigiam para todas as náus: era este o dos mantimentos, que devendo voltar a Portugal, em consequencia da resolução tomada em conselho, desempachando o convez, alijava para o das outras quanto lhe sobrava, alem do necessario, até chegar de volta ás ilhas de Cabo-verde, onde poderia fazer aguada e carnagem. Pedr'Alvares, que desejava quanto antes terminar esta baldeação, ordenou que ninguem fosse a terra, excepto o sota-capitão Sancho de Toar, que foi mandado com varios homens d'armas a fim de proteger os carpinteiros, que lá acabavam de apromptar a nomeada cruz, diante da qual se devia celebrar o incruento sacrificio, para a deixar alli depois de benzida. Logo que pozeram pé em terra, e os duros machados começaram a trabalhar faccando o madeiro, Sancho de Toar mandou dispersar os seus, recommendando-lhes que não se arredassem para muito longe; e os preveniu que seria bom andarem preparados e de mechas acezas para de relance acudirem a qualquer hostile encontro. Todos obedeceram e com o mosquete ás costas cada qual se foi entretendo a seu modo. Os mais curiosos de caça prometteram de não faltar nesse dia ao jantar com algum bom guisado, ganho á custa do mosquete. Era este, pouco mais ou menos, do feitio das espingardas de hoje; porem tinha o cano mais comprido e a bala de menor adarme: fôra então defeso caçar com chumbo miudo, com o justo intento de adestrar bons atiradores neste exercicio. A coronha era mais esguia e grosseiramente

acabada, por não ser acomodada para fazer firmeza no hombro: em vez de fechos tinha um cão de ferro que a atravessava, e o qual entre dois dentes abertos em fórma de tenaz recebia um morrão acceso para communicar o fogo á escorva, puxando-se pela comprida cauda ou gatilho.

No numero dos mosqueteiros tocou de ir o joven apaixonado, de quem já fallámos: chamava-se elle Braz Ribeiro; era natural do Torrão e de uma familia mui conhecida, não só por sangue e gentilezas cavalleirosas, como inda mais pela posse hereditaria de uma alma sensível e apaixonada. A leitura de alguns livros de cavallerias nelle desenvolvera em alto grau esta ultima propensão innata. Contava agora pouco mais de vinte annos, e tinha todo o fogo proprio de tal idade: o seu ingenuo coração o fizera antes digno do amor clandestino da mais bella dama da rainha D. Isabel. Não vem para aqui o contar toda a historia, enredada do modo como por capricho e ingratitude esta dama sacrificou o seu amante a tal ponto que foi desautorado das dignidades do paço, e perdoado por elrei, em attenção a pertencer a tal familia, de *morrer per ello*, ficando porem sujeito á milicia e indo para fóra do reino. Outro que não fosse Braz Ribeiro protestára não se atear mais no fogo do amor, visto que as chammas do primeiro o tinham tão desaventuradamente escaudado; mas a a sua alma é por tal fórma sensível que até neste momento pensa em amar. Ora, como é sabido, os que soffrem moralmente aprazem-se do retiro dos logares solitarios, e ahí atenuam seus males á força de os confiar em segredo a quem só os ouve. Braz Ribeiro nesta occasião vai sosinho e cabisbaixo em procura de logares sombrios, que mais se conformem com a saudosa melancolia do seu coração. Passa a travez de annosos coqueiros e, sem o cuidar, entranha-se pelos matos virgens. É por alli tal a mudez que o zumbir do bizouro, que gira no ar, o simples rojar do reptil no arbusto, ou o fortuito cahir no chão do corneo fructo da sapucaia ou de algum coco amadurecido no cacho, deixa por certo tempo um eco sussurrante, semilhavel ao da caxoeira ou enxorrada que murmura com força a alguns passos de distancia. Os escaços raios do sol já quasi a pino, que penetram por entre os claros daquellas abobadas e arcarias de vegetaes, se iam dentro quebrar nas folhas e flores, manifestando nestas tal variedade que Ribeiro se persuadiu estreadem seus olhos a impressão mais nova e agradável de toda a sua vida. Observa que pisa um tapete bordado pela natureza com os mais exquisitos matizes; olha para cima e não sabe distinguir de que ramos, nem de que arvores cahiram flores que vê pelo chão. Que encantos offerece tal variedade! Que novas grinaldas desalinhadamente coloridas! Que diversidade de cipós trepadores, á feição das eras e maracujás, se enroscam pelas arvores como querendo substituir-lhe os troncos, remoga-los ou alcançar-lhes o cume, para na presença do firmamento receber os raios do sol que não ousaram jámais nem attingir os seus pés, nem corar as folhas das humildes parasytas suas vizinhas! — Os fructos demasiado maduros das anonas e ananazes exhalam suaves fragancias, juntamente com os cachos de sasonadas pacobas que amarellejam no cimo de troncos vestidos de tennes mas grandissimas folhas luzidias, as quaes se conservam intactas pela escacez do vento. O espirito se alvoroga com esta vista, e Ribeiro extatico, crendo-se no paraíso terreal, não se lembra de colher fructos, ou não se atreve a fazelo, porque ignora qual delles será o prohibido. Emmananhava-se pelos sitios mais densos, lembrando-se apenas da falta de uma Eva, e eis que ouve ao

longe um leve borborinho que se aproxima, á maneira do vento que começa a soprar nas folhas: não tardou que não percebesse ramalhar já perto, e visse um animal que lhe pareceu uma lebre; era uma cotia domesticada: ia a atirar-lhe quando — oh boa sorte! — apezar das sombras, descobre perto um rosto encantador que lhe implorava perdão para a creatura, que tantas vezes a afagara e lambera. Ribeiro ficou immovel ao conhecer a mesma beldade, que trazia impressa n'alma. Esta virgem dos bosques americanos tambem o reconheceu no meio de uma forte commoção. Os dois corações palpitarão com doce impulso — uma languidez terna e de gôzo ineffavel se lhe apoderou dos sentidos; as faes coravam, reluziam-lhes os olhos: ambos, sentindo transportes identicos, estavam possuidos disso que os metaphysicos e physiologistas do coração moral chamam *amor sympathico*.

Ypeca [tal era o seu nome] era uma das mais lindas raparigas que a imaginação nos póde apresentar. Não poderíamos dizer que pertencia á aristocrata raça caucasia, mas ainda menos á mongolica: finjamos uma georgiana trigueirinha, digna rival da esposa de Salomão. — O seu rosto expressivo offerecia muitos mais encantos, com qualquer scintillante volver d'olhos, do que as inspidas e pallidas carinhas do norte, que, recordando sempre o frio e uma pelle para lhe resistir, pouco harmonisam com os fervidos e doces transportes do amor em nossos climas meridionaes. — Lindos e compridos cabellos pretos desdeñosamente soltos pelos hombros constituíam o seu vestuario; umas *auás* [pulseiras] eram o unico adereço dos pulsos; e certa postura em que tinha os braços lhe occultava boa parte do corpo. Estava Ypeca na idade de treze annos, e treze annos de vida ou de vegetação sob os tropicos correspondem a outros tantos nos polos. O torneado pescoço, e o sabido peito arquejante, davam realce aos seus gestos meigos e feiticeiros, e no lindo rosto lhe assomava um riso terno, que por entre os beiços permittia descubrir a furto os alvissimos dentes, como, por entre os bagos rubicundos da romã que abre, alvejam as pelliculas que os separam. Tudo concorria para a tornar digna esposa do mal afortunado Braz Ribeiro. — É que importava que a Europa lhe não houvesse embalado o berço? A melhor qualidade que então se requeria nos casamentos era a religião uniforme; e quando uma gentia como esta fosse doutrinada na fé e baptisada, a igreja festejaria o contar mais uma ovelha no seu rebanho, e o esposo se consolava de ter motivado a entrada de uma alma no paraíso.

A joven americana da mesma sorte achava neste portuguez graças e encantos que nos seus desconhecia. Os olhos penetrantes, sobrolhos cerrados, barbas pretas, e a tez pouco mimosa e queimada do sol durante a viagem, junto ás vestes marciaes, lhe davam certo ar varonil, que é a principal belleza do sexo masculino.

Sem poderem tirar os olhos um do outro se detiveram ambos a contemplar-se absortos. Em verdade inexplicavel é o prazer que sentimos na presença de quem amamos — daquella que muitas vezes nos parece ser unica mulher no mundo! Deste prazer nasce que o amor desculpará tudo, menos uma ausencia voluntaria.

Leitores, que por experiencia sabeis quão deliciosos são os instantes da vida passados a admirar os encantos daquella que vos inspirou profunda sympathia, só vós conheceis como qualquer mover d'olhos do objecto amado vos interessa e abala — em quanto imaginaes que dia virá em que lhe possais

chamar vossa, quando vos unirdes ao vosso complemento, fundindo em um só coração dois corações ardentes — só vós, repito, avaliareis o que sentia Braz Ribeiro! — Sábias leis do Creador, sois quem inspireis no coração este palpar energico, que atenúa as penas deste valle de lagrimas!! — Amor! «tu só, tu puro amor» que tens sido a causa de tantas acções grandes, de tantas glorias e venturas, que tens inspirado poetas, que até á religião tens feito magicos serviços, quererás agora porventura ser a causa de algum mal? Ainda então estava nos mysterios do futuro.

Entretanto os dois amantes por acenos expressivos manifestam as suas caricias. A pantomima é sem duvida a primeira linguagem do homem, ninguem a pôde ignorar, nem os sentimentos do amor se podem exprimir por outro modo — que nunca pelas finezas insonças e estudadas dos amantes. Ribeiro tomava a sua bella entre os braços pondo-lhe as mãos por cima da cintura, e ella com o braço esquerdo estendido sobre o delle como parceira de *valsa*, ergueu voluptuosamente os olhos enternecidos, e poz o rosto em uma situação propria de nelle receber um penhor de tanto affecto; Ribeiro ia para lho dar, quando sentiram ambos certo reboligo, e no mesmo instante encaram com uma alcatea de indigenas que pareciam encaminhar-se hostilmente e com os arcos armados. A fagueira india ficou trémula quando entre elles reconheceu os parentes, que bradavam pelo seu nome e a ameaçam de lhe disparar as frechas. Ribeiro dispoz-se com toda a serenidade para resistir apezar de reconhecer a desproporção do numero; porem um simples — fujamos! — de Ypeca, expresso pela mimica natural, o fez mudar de resolução para até nisto lhe cumprir os desejos. Largam ambos a correr, e são logo perseguidos. Os muitos troncos das arvores, que impediam os gentios de dispararem as suas frechas, serviam tambem, juntamente com as mais plantas, de tropeço a Ribeiro, o qual não costumado a caçar em bosques e coutadas sofria os espinhosos ramos dos arbustos, que lhe zurriziam e arranhavam o rosto — até que para cumulo do seu mal levou uma frechada em a perna esquerda. Ypeca, que era uma verdadeira selvagem corria bem a despeito de tudo, e no meio da fuga se viu cortada e foi preza delles, que deixaram de perseguir o mal tratado Braz Ribeiro. Este vendo-se ferido, desesperado de perder a sua nova conquista, lembrou-se de dar um tiro, para atemorizando-os, conseguir furta-la. Encostou pois o mosquete na forquilha e deitou polvora na escorva. Quando deu fogo a escuridão do bosque fez relampear um grande clarão. Porem qual seria o seu pasmo vendo que o fogo se não tinha comunicado, e por tanto não disparara o tiro; mas que não obstante os indigenas levando consigo a desgraçada Ypeca fugiam assustados gritando — *tupá! tupá!* É dest'arte que Ribeiro, assim como depois o *Caramurú* e Boeno figuraram como divindades entre estes indigenas, da mesma fórma que os homens chamados deuses na fabula figuraram entre os ainda barbaros e selvagens gregos. — O homem que foi é o mesmo que hade ser: só a civilisação o pule e lhe adoça os costumes, e a experiencia e o saber o fazem incredulo nas impressões visionarias. — Ribeiro aturdido resolveu-se d'ir apoz os que fugiam. Como poude ligou a perna e se encaminhou seguindo pela direcção em que elles tinham desaparecido. Percorria o bosque em todos os sentidos, esperançado de recuperar a sua Ypeca, imaginando sempre que caminhava para o sitio por onde se haviam escoado os verdugos que lhe tinham feito o rapto cruel. O sol do meio dia não lhe deixava orientar-se conveniente-

mente, de maneira que sem norte, andava como aquelle que, depois de muitas voltas com uma venda nos olhos, ignora para que banda está voltado. Ribeiro, nesta occasião, já lhe não importa o que vê: nem oi bandos de papagaios e periquitos, nem os rostrados tucanos, com seus papos amarellos e vermelhos, nem o delicioso canto dos sabiás, nem a vista dos acatasolados gainumbís (*), lhe distrahem a attenção. — Como perdido andou até que ouviu vozes, e percebeu ao longe um som ao modo de gargalhadas soltas e desentoadas, que lhe pareceram de uma orgia brutal de gentios.

«Bello! Estão entretidos; conseguirei apoderarme della sem que me sintam», disse para si; e se dispoz a effectuar a surpresa, e a resistir no caso de ser esta malograda. Aproximou-se pois de vagarinho; mas que tal seria a sua admiração quando se achou na praia, e viu um rancho de cinco dos seus companheiros de redor de uma grande fogueira, festejando o que tinham apanhado na caça. Estava o mofo, depois de tantas voltas, no mesmo lugar donde sahira. Foi logo saudado á chegada, começando Tristão Nunes a bradar: «Oh lá amigo, depressa se queres ainda provar que tal sabor dão ás carnes os pastos destes sitios.» Era a cotia da pobre Ypeca, que já se estava assando. — «Sr. Braz, que é isso, destes algum tombo?» proseguiu Nunes, reparando no misero estado em que via o seu amigo. «Nada, não, atalhava outro, — certo que alguma fera o arremetteu.» Ribeiro nada podia responder: a paixão que nutria, os tormentos que soffrera, o ultimo sobresalto que com a vista do animalinho da sua amada acabava de experimentar, e o achar-se tão mesquinho entre os seus, tudo concorria para pôr o seu espirito em opposição com as galhofeiras e desenvoltas expressões que lhe eram endereçadas. Alem disto estava em tal accesso de febre que foi logo por estes reconhecido. Vendo todos que elle nem podia fallar o conduziram ao batel, sem advinharem o que dera causa a tão estranha aventura: depois o levaram á nau para ser tratado.

Sancho de Toar ficou ainda com alguns mais assistindo ás observações que faziam os pilotos, com o fim de conhecer naquellas alturas se a agulha nordeste—ou noroeste—ava. Eram estas observações feitas com o instrumento das sombras, fixamente assentado em um chão nivelado ao pé dos coqueiros. Os pilotos, discipulos do mestre Abraham Zacuto, de quem levavam as *Taboas*, impressas em Leiria em 1496, dando a si mysteriosa importancia como todos os mais naquelle seculo, faziam visagens e biôcos para pôr o estylo ou agulhinha [que se movia sobre o pião] na direitura da meridiana, a fim de combinar estas operações feitas depois do meio dia com as de igual tempo antes. A semi-differença das duas dava a variação, que só se podia observar em terra por via do jogar da nau. Quando foram findas, e a cruz acabada, Sancho de Toar ordenou de volver á sua nau. Nesta occasião tinham chegado alguns trezentos indigenas que tambem queriam vir: porem o sota-capitão escolheu delles só dois mancebos *despostos e homeões de prol*, e se recolheu a bordo. Pero Vaz conta neste dia só esta ultima especialidade, e o facto da baldeação do navio dos mantimentos, e diz com certa reserva que «*nom foi mais este dia que pera screpver seja.*»

(Continuar-se-ha).

O ROUBO DAS DECADAS DE COUTO.
João de Barros só deixára impressas tres das famo-

(*) Chupa-flores ou beija-flores.

sas Decadas da Asia Portugueza, que lhe grangearam entre os doutos o nome de Tito Livio Lusitano. Por ordem de Philippe, 1.^o de Portugal, foi Diogo do Couto encarregado da continuação daquella importante historia. Os escriptos d'ambos são o registo authentico das nossas antigas glorias no oriente, e um monumento levantado em honra da nação portugueza, e dos esforçados capitães que por seus illustres feitos alli se ennobreceram.

Quando Philippe 1.^o commetteu a Couto aquella empreza, achava-se este em Gôa, aonde se desposára com Luiza de Mello irmã de Fr. Deodato da Trindade, o qual depois correu em Portugal com a impressão das Decadas de seu cunhado, emendando a sexta consideravelmente. Tal era o credito do nosso historiador, que a distancia em que se achava do reino não impediu que o ecco da sua fama litteraria retumbasse na corte e suggerisse ao soberano, que então reinava, a idea de o nomear successor de Barros.

« A oitava e nona Decada [diz Manuel Severim de Faria] acabou elle no anno de 1614, no qual querendo-as mandar ao reino enfermou tão gravemente que esteve desconfiado da vida. Com esta occasião desapareceram estes dois volumes de casa, tomando-os alguém para depois aproveitar dos trabalhos alheios. Mas foi Deus servido de dar saude e forças a Diogo do Couto [que nesse tempo era de 72 annos] para das lembranças que lhe ficaram, e da memoria que tinha felicissima ajuntar outra vez o que n'aquellas duas Decadas tractava, de que fez um só volume, recopilando n'elle as cousas de mór importancia, e relatando as maiores mais largamente, com que remediou este furto, de maneira que quando algumas ora apparecerem, assim pela ordem como pela materia publicarão claramente o seu auctor. »

Do furto destas Decadas, e da recopilação que dellas fez Diogo do Couto, dá tambem conta o P.^o Fr. Joaquim Forjaz n'um escripto que lêmos no Tom. 1.^o das Memorias de Litteratura da Academia Real das Sciencias, impresso no anno de 1792. Este academico obrigado pelo seu officio de historiographo da ordem dos eremitas de Sancto Agostinho, teve que examinar os antigos codices que se conservavam n'um armario da livraria do convento da Graça em Lisboa, onde encontrou quasi todos os volumes manuscritos das Decadas de Couto, assignados pelo seu punho, e escriptos por letra estranha. Entre elles achou dois grandes volumes tambem manuscritos, o primeiro contendo uma dedicatória a Philippe 2.^o de Portugal, na qual o nosso historiador se queixa amargamente do roubo das suas Decadas, attribuindo-o á inveja e má vontade de seus inimigos.

Aqui transcrevemos a mesma dedicatória, que melhor do que outras quaesquer narrações contam este successo, movendo-nos a isso tão somente o desejo de dar mais publicidade a um documento que nos parece escripto com sentimento e candura. Tratar-mos da vida de Diogo de Couto com outro intuito que não fosse este fôra demasiado arrojado, depois do que a esse respeito escreveu uma habil e distincta penna, a paginas 150 do volume 1.^o deste Jornal.

— Ao Muito Alto e Muito Poderoso Monarcha das Hespanhas — Dom Phillippe Rey de Portugal, O 2.^o no nome, Nosso Senhor. —

Aquella cruel e desumana arpia da inveja, muito Catholico e Poderoso Monarcha, e Senhor Nosso, he tão antiga, e tão alevantada, que em Deos Nosso Senhor creando os Anjos, logo entra pela Gloria e destroe aquella Soberana Monarchia com lhes metter em cabeça que podiam ser semelhantes ao altis-

simo; com que do mais alto fez dar com elles no mais baixo do inferno, e depois que no ceo não teve que fazer desceo á terra; e tanto que Deos Nosso Senhor creou os homens, entre os primeiros dous que havia se mette cruel embaidora, e faz com que Cahim mate seu irmão Abel: e assim como foram crescendo as Gerações assim foi ella fazendo os seus estragos, por que em se alevantando a primeira Monarchia que foram os Assyrios logo trabalhou de a derrubar, até que o fez; e succedendo a segunda dos Medos e Persas foi entrando por ella até a desbaratar; e crescendo a dos Gregos, ella a derrubou em pouco tempo; e depois de se alevantar a dos Romanos não consentiu que permanecesse, porque logo a consumiu; e assim foi consumindo a uns e alevantando a outros, jogando a choca [como lá dizem] com os Senhorios, Estados e Reynos, em que sempre fez seu officio; e assim como começou no mais alto estado, que foi o do Ceo, assim desceu ao mais baixo da terra; e tanto que veo a entender comigo, que não pôde ser mór desproposito; porque vendo ella as mercês que V. Magestade, me faz a mi e a todos os portuguezes em mandar imprimir as minhas Decadas da Historia da India, que eu com tanto trabalho e gosto compuz por mandado do muito Catholico, e prudente Rey D. Philippe vosso Pay, e pelo de V. Magestade que me aviva, e que andavam tão acreditadas pelo mundo onde se tratava traduzirem-se em Francez e Alemão, o que me fez alevantar tanto animo que em breves tempos acabei a 8.^a e 9.^a Decadas que já o anno passado pretendia mandar a V. Magestade; — mas esta destruidora de tudo, cruel, e inhumana inveja parece que se metteu em algum peito diabolico, e dá ordem com que me furtem estes dous volumes, avendo quem isto faz, que como eu era velho, e pela rasão da natureza não podesse viver muito, imprimirem-na em nome de quem quer que for, e ficarem-se logrando do meu trabalho e suor: mas Deos Nosso Senhor author de todos os bens, que não consente um tão manifesto roubo, quiz que me ficassem alguns fragmentos e lembranças das quaes com o que me ficou em memoria das cousas que vi porque aquellas duas Decadas contem o tempo de D. Antão de Noronha, de D. Luiz de Athaide, de D. Antonio Moniz Barreto, de D. Diogo de Menezes, e segunda vez do Conde D. Luis d'Athaide em que eu militei neste estado, estava presente nas mais das cousas em que me achei, permittio Deos nosso Senhor encaminhar-me de feição que tornei a recopilar estas duas Decadas por modo de epilogo em que resumi as cousas mais notaveis e substanciaes que succederão e fiquei assim supprindo o melhor que pude o furto que me fizeram; e quando alguma hora apparecerem logo se conhecerão, assim pelo meu estilo, como pela materia. Deste manuscripto escaparão a X a XI e parte da XII que tinha já neste Reino a salvamento. E pois a obra toda he de V. Magestade que a mandou fazer, e imprimir, a V. Magestade a offereço, e humildemente peço a receba com a benignidade com que recebeu as demais; porque quando virem o como V. Magestade favorece este meu trabalho, se alevantem depois de mim novos engenhos a continuar esta obra, pois disso redundanda tanta gloria a Deos, e a V. Magestade, e tanta honra a seus Vassallos que a troco das vidas trabalhão por dilatar o imperio que V. Magestade tem neste Oriente até que de todo o tragão ao jugo de Christo, e ao de V. Magestade, a quem Deos nosso Senhor dê o que a toda a Christandade lhe he necessario. — Goa 23 de Janeiro de 1606. — Diogo de Couto.

M. J. M. T.